

política

Editora: Paula Coutinho
politica@jornaldocomercio.com.br

Fux assumirá 2ª Turma em meio à tensão do Master

Troca de presidência ocorre com intensificação da Compliance Zero

/ SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luiz Fux será o próximo da Segunda Turma da corte. Ele deve assumir o colegiado no lugar do ministro Gilmar Mendes em agosto, no retorno do recesso do Judiciário, e herdar a pauta marcada pelo caso Master.

A troca ocorre em um momento de tensão envolvendo as investigações sobre o banco. Gilmar tem feito críticas à condução do inquérito pelo relator da Operação Compliance Zero, ministro André Mendonça, comparando métodos adotados na investigação a “tristes reminiscências” da Operação Lava Jato e questionando, por exemplo, os fundamentos das prisões preventivas no caso.

No dia 16 de junho, o decano incluiu na pauta de forma repentina a retomada do julgamento sobre a soltura de Henrique e Felipe Vorcaro, pai e primo do ex-banqueiro Daniel Vorcaro, dono do Master. Mendonça reagiu retirando o sigilo de duas investigações que miram os envolvidos nos esquemas de corrupção e fraude bilionária do banco.

O relator justificou que as informações reunidas pela Polícia Federal (PF) ilustravam os possíveis crimes e mereciam ser expostas para que as pessoas pudessem compreender o que estava em jogo no julgamento sobre a prisão preventiva do pai do banqueiro. Na semana seguinte, ele restabeleceu



Ministro Luiz Fux deve ser empossado em agosto, seguindo rodízio

o segredo de justiça para preservar a investigação diante das novas diligências em curso.

A sessão em que a Segunda Turma votou a prisão preventiva de Henrique e Felipe foi marcada por divergência entre os ministros. Gilmar, que havia pedido vista do processo em maio, defendeu a flexibilização das cautelares, com domicílio para Henrique e soltura de Felipe. Ele foi vencido pelo restante dos magistrados, que decidiram manter os réus presos. O resultado da votação foi 3 a 1.

Na ocasião, defendeu que a prisão preventiva dos réus pode servir como forma de pressioná-los a firmar acordo de delação premiada e comparou a medida a ações da Lava Jato. “Quando um acordo é celebrado em ambiente de pressão há a completa erosão da voluntariedade que necessaria-

mente deve nortear qualquer colaboração”, disse.

Mendonça lembrou dos indícios de condutas violentas de grupo que agia a mando de Daniel Vorcaro: “Não estamos aqui a julgar a Lava Jato”, disse, afirmando que o caso é “mais do que um crime de colarinho branco” e tem “contornos de máfia”.

Com Fux na presidência da Segunda Turma, a expectativa é de que a condução da pauta ocorra de forma mais alinhada à relatoria do caso. Cabe ao presidente da Turma definir a pauta de julgamentos e conduzir as sessões do colegiado, decidindo quando os processos serão levados a julgamento, inclusive após a devolução de pedidos de vista.

A mudança segue o sistema de rodízio previsto no regimento interno do STF.

Lula e Flávio voltam a empatar, aponta BTG/Nexus



O presidente Lula (PT) aparece com 47% das intenções de voto em simulação de segundo turno com o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), que marca 44%. Os dados são de nova pesquisa BTG/Nexus divulgada nesta segunda-feira, que volta a registrar um empate técnico entre os dois principais candidatos à cadeira presidencial.

A diferença entre os dois afunilou de 6 pontos do último levantamento para 3 pontos. O petista registrava 49% em meados de junho,

enquanto o filho do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) tinha 43%.

No cenário de primeiro turno, o atual presidente mantém a dianteira, com 42%, mesmo percentual da última rodada. O congressista vem na sequência, com 34% das intenções, após marcar 33% na última aferição, uma oscilação dentro da margem de erro.

A pesquisa foi realizada por telefone, dos dias 26 a 27 de junho, com 2.009 eleitores residentes em território nacional. A margem de erro é de dois pontos percentuais, e o intervalo de confiança, de 95%. O levantamento está registrado sob o código BR-08521/2026.

Ainda no primeiro turno, de-

pois de Lula e Flávio, aparecem emboçados: Ronaldo Caiado (PSD), com 5%; Renan Santos (Missão), com 4%; Romeu Zema (Novo), com 3%.

Branco, nulos e declarações de que não vão votar somam 5%. Outros candidatos citados marcam 4%. Não sabem ou não souberam responder 3%.

Para além de Flávio, o petista venceria qualquer um destes nomes em eventual disputa de segundo turno: contra Caiado, aparece com 47% a 39%. Se fosse Zema o adversário, Lula teria 48% a 38% do mineiro. Já no caso de Renan, o atual presidente marcaria 48% a 36%.



Repórter Brasília
Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Após a tempestade, teste de unidade

A semana que começa será decisiva para medir os efeitos políticos da crise que expôs divergências entre Michelle Bolsonaro e o senador Flávio Bolsonaro. Embora os dois tenham adotado um discurso conciliador nos últimos dias, o episódio provocou desconforto dentro do PL e acendeu um alerta justamente no momento em que a oposição tenta consolidar um projeto nacional para 2026.

Desgaste desnecessário

Nos bastidores de Brasília, a avaliação predominante é que o desgaste foi desnecessário. Divergências existem em qualquer partido, especialmente em uma legenda que reúne lideranças nacionais, governadores, parlamentares e diferentes correntes de pensamento. O problema não foi a divergência em si. O problema foi a sua exposição pública.

Imagem de unidade

A poucos meses do início efetivo da disputa presidencial, o PL trabalha para transmitir ao eleitor a imagem de unidade. Quando um conflito interno ganha dimensão nacional, abre espaço para questionamentos sobre liderança, estratégia e capacidade de coordenação política.

O peso dos gaúchos

As manifestações das lideranças gaúchas do partido seguiram uma linha comum: preservar a unidade e evitar que a crise se transforme em fator permanente de desgaste. O presidente estadual do PL, Giovani Cherini (foto), e outros parlamentares da bancada gaúcha, entre eles Zucco, Sanderson, Hamm e Heinze, procuraram reforçar a necessidade de convergência em torno de um projeto político maior.



Base da direita

O movimento não ocorre por acaso. O Rio Grande do Sul tornou-se uma das principais bases estratégicas da direita brasileira

Além das fronteiras partidárias

Por isso, qualquer ruído interno no principal partido de oposição repercute além das fronteiras partidárias. O desafio agora é recolocar o debate em temas capazes de mobilizar o eleitorado conservador, afastando o foco das disputas pessoais.

O olhar do governo

O contraponto veio do deputado federal Elvino Bohn Gass, do PT, alinhado ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Sua interpretação é distinta da apresentada pelos integrantes do PL. Para Bohn Gass, “o episódio vai além de um desentendimento pontual”. Na avaliação do petista, “a crise revela disputas por protagonismo e liderança dentro do campo bolsonarista, antecipando movimentos que tendem a se intensificar à medida que a eleição se aproxima”.

Mais que uma disputa familiar

O episódio envolvendo Michelle e Flávio Bolsonaro dificilmente decidirá os rumos da eleição presidencial. Mas serviu para mostrar que a corrida de 2026 já começou nos bastidores. Para os aliados do PL, a prioridade é virar a página e reconstruir a imagem de unidade. Para a oposição, a crise revelou fissuras que podem reaparecer adiante.

A reconciliação impedirá novos abalos?

A tempestade parece ter passado. O que ainda está em aberto é saber se a reconciliação pública será suficiente para impedir novos abalos em um projeto político que pretende voltar ao Planalto.